ENTREVISTA: DJOTA CARVALHO

QUADRINHOS

OS SUPER-HERÓIS INVADEM A SALA DE AULA

*Amarildo Carnicel**

Houve um tempo no Brasil em que se afirmava, sem nenhuma fundamentação científica, que quadrinhos causavam letargia mental. Havia quem afirmasse que os quadrinhos causavam comportamentos anormais e que levavam crianças a cometer crimes. Professores espalhavam essas histórias temendo que seus alunos trocassem livros por gibis. A mentalidade hoje, felizmente, é outra. Há pesquisas que mostram que as HQs ajudam, e muito, na educação. Crianças que lêem gibis, por exemplo, conseguem ler e interpretar textos com mais facilidade que as crianças que não fazem uso desse recurso. Quem defende essa tese é o jornalista e professor da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas Djota Carvalho, que lançou recentemente dois livros: *A Educação Está no Gibi* e *Escola de Sacis*, publicados pela editora Dentro da Caixa. Mestre em Educação pela Unicamp e autor da tira "Só dando gizada", publicada diariamente pelo *Correio Popular*, Djota faz um retrospecto da relação educação e HQs, desde a época em que gibis só entravam na sala de aula escondido entre cadernos e

livros. Segundo o pesquisador, hoje, os personagens e os super-heróis não só invadem a classe como participam do processo de construção do conhecimento. "É possível relacionar personagens e histórias com disciplinas de diferentes áreas do conhecimento, como Português, História, Geografia, Matemática, Física, Astronomia..."

Djota afirma que o aproveitamento do trabalho de HQs em educação independe da idade ou do grau de escolaridade do aluno. "Compete ao professor adaptar o quadrinho às suas necessidades. Já utilizei esse recurso em Teoria da Comunicação com meus alunos de Jornalismo", afirma. Nesta entrevista, ele aborda, também, a importância de despertar a criatividade nas crianças por meio da produção de tiras em sala de aula, em que o aluno muda de patamar: deixa de ser leitor e torna-se autor. Instrumentos de diversão e, principalmente, de reflexão, há muito os quadrinhos deixaram de ser um simples 'gibizinho'. São um canal para os diversos tipos de conteúdo.

Foto: Nerivellon Araújo

Djota Carvalho

* Amarildo Carnicel é jornalista e editor da revista *Resgate*

Resgate - Num passado não muito distante, histórias em quadrinhos só eram utilizadas em sala de aula com alunos em atividades lúdicas ou em fase de alfabetização. Esse comportamento ainda predomina entre os professores?

DJ Carvalho - Ainda há, sim, muitos professores que utilizam na fase de alfabetização, até porque as crianças têm muita facilidade com este tipo de linguagem que utiliza imagens e textos que se complementam. No entanto, é cada vez maior o número de professores que descobre o potencial das HQs como ferramenta para-didática ou produto multidisciplinar nas mais diversas séries, do ensino fundamental ao médio/ colegial. Até na universidade é possível trabalhar com quadrinhos no ensino. Na verdade, mudaram tanto as HQs quanto a mentalidade dos professores. Na primeira ponta, hoje, com a economia mais estabilizada, o número de títulos e temas abordados nas Histórias em Quadrinhos é exponencialmente maior do que há duas

ou três décadas atrás, por exemplo. Sempre existiram quadrinhos bons e ruins, mas o fato é que atualmente é possível achar com facilidade tanto histórias de maior qualidade

“

Em tempos nos quais o professor disputa a atenção dos estudantes com Internet e drogas, a HQ é uma ferramenta muito boa e que não pode ser colocada de lado.

”

quanto conteúdos que podem se adaptar aos mais diversos gostos e necessidades. Os temas desenvolvidos abordam desde fantasia fantástica a crítica so-

cial. Enfim, um leque gigantesco. Por outro lado, os professores descobriram nas HQs um recurso relativamente barato e interessante para se aproximarem de seus alunos. Em tempos nos quais o professor disputa a atenção dos estudantes com Internet, videogames, I-pods e coisas piores como drogas e criminalidade, por exemplo, uma ferramenta que atraia a atenção de uma grande parte deles de maneira eficiente é algo bom demais para ser colocada de lado. Some-se a isso o fato de o preconceito contra as HQs, muito disseminado nos anos de 1940 a 1960, com supostas bases científicas, caiu por terra. Mas ainda há preconceitos contra as HQs. Sempre é bom lembrar que, nos anos 40, o MEC chegou a publicar um “estudo”, sem nenhuma fundamentação científica, que afirmava que quadrinhos causavam lerdeza mental. Hoje, felizmente, a mentalidade é outra.

Resgate - Há algum trabalho que mostra a relação entre HQ e educação?

DJ Carvalho - Já temos pesquisas que demonstram que as HQs ajudam e muito na educação. Crianças que lêem gibis, por exemplo, conseguem ler e interpretar textos melhor do que aquelas que não lêem. Há uma pesquisa da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação) mostrando que alunos da 4ª série que lêem gibis apresentam maior proficiência em provas. Outra, da Esamec (Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação), que revela que uma porcentagem razoável de pessoas se alfabetiza com quadrinhos (8,1%). E que no Brasil, entre os leitores de super-herói, 25% têm curso universitário e 3,7% dos leitores fazem ou já fizeram pós-graduação. Mais ainda, é fato comprovado que o gibi não concorre com o livro, pelo contrário: ambos se complementam e a leitura de um em geral leva à leitura do outro. É claro, porém, que existem gibis ruins, assim como há livros e filmes ruins. É preciso haver al-

gum tipo de critério de seleção e, se estamos falando de crianças, é fundamental que pais e educadores façam parte do processo de escolha, questionando seus filhos, in-

“

Crianças que lêem gibis, por exemplo, apresentam maior capacidade de interpretação de textos. Alunos de quarta série apresentam maior proficiência em provas.

”

clusive, por que gostam de ler tal revista (aproveito para fazer um alerta: histórias violentas não necessariamente significam que a criança é ou

pode ser violenta; em geral, funcionam de maneira catártica). Dizer que gibis alienam ou são perniciosos pelo simples fato de serem gibis, porém, é uma afirmação duplamente equivocada, pois é errada quanto ao conteúdo e totalmente anacrônica.

Resgate - De que maneira os professores podem usar esse recurso em atividades escolares? É possível relacionar personagens e histórias com disciplinas como matemática, ciências ou física?

DJ Carvalho - A única disciplina com a qual não consegui relacionar de maneira produtiva é Educação Física, pois é difícil jogar bola lendo gibi ou fantasiado de super-herói. Brincadeiras à parte, é possível trabalhar, sim, todas as disciplinas utilizando as HQs. No livro *A Educação Está no Gibi* trago alguns exemplos em cada disciplina (história, geografia, matemática, física, química, português/literatura e inglês), mas o professor pode desen-

volver ainda seus próprios exercícios. Alguns deles são bem fáceis, como, por exemplo, trocar o avião naquele tradicional exercício de física sobre velocidade média pelo Super-Homem ou pelas Meninas Super-Poderosas. O aluno fica mais interessado e o exercício, mais divertido. Mas você pode usar o conteúdo das histórias para discutir física e química, por exemplo. Os poderes dos super-heróis fornecem boas discussões nessas áreas, e até mesmo dá pra treinar potenciação a partir de uma historinha do Cebolinha ou ensinar como é o átomo real e o que as pessoas imaginam no senso comum a partir de histórias do Elétron. Ou ainda usar Níquel Náusea para falar de biologia; ou de metáforas em língua Portuguesa.

Resgate - A disciplina de história é um campo bastante fértil para a produção de HQ?

DJ Carvalho - Certamente. Em história, temos quadrinizações de momentos

históricos reais – como, por exemplo, *Os 300 de Esparta*, que agora virou filme e que trata do famoso combate entre o espartano Leônidas e o persa Xerxes. Também é pos-

“

O ‘fazer quadrinhos’ pode envolver todas as matérias, de forma multidisciplinar. É preciso saber matemática para fazer requadros e português para fazer o roteiro.

”

sível mostrar como os quadrinhos refletiram e foram usados em certos momentos da História da Humanidade. A II Guerra Mundial é um

prato cheio neste sentido, com vários personagens criados com o propósito de elevar a moral americana, como Capitão América e Mulher Maravilha. Some-se a isso verdadeiras reportagens em quadrinhos que podem ser utilizadas tanto em história (como Santô e os pais da aviação e Gen Pés Descalços, sobre a bomba de Hiroshima) como em geografia, especialmente a política – caso de *Palestina, Na Faixa de Gaza e uma História de Sarajevo*, todos do maltês-americano Joe Sacco. Enfim, exemplos e formas de utilização não faltam.

Resgate - Então estamos diante de uma atividade multidisciplinar?

DJ Carvalho - Sim. O “fazer quadrinhos” pode envolver todas as matérias, de forma multidisciplinar. É preciso saber matemática e proporção para fazer os requadros; português para fazer o roteiro, criar personagens e contar a história de maneira sucinta; geografia para desenvolver ce-

nários; história para embasar argumentos; física, química e biologia são fundamentais se a HQ tiver super-heróis... enfim, para se fazer uma boa HQ é preciso muito conhecimento, e é possível envolver toda uma escola em um projeto do gênero. No livro, procuro mostrar tudo isso de maneira clara e com muitos exemplos.

Resgate - Há limite de idade, grau de escolaridade para trabalhar com HQ?

DJ Carvalho - De maneira alguma. Quando proponho exercícios no livro, inclusive, procuro não sugerirlos para determinada série ou idade, até porque o nível de ensino no Brasil é muito variado. O professor pode adaptar o quadrinho a suas necessidades e é justamente isso que é o mais interessante. Eu mesmo uso quadrinhos em minhas aulas na faculdade, de Teoria da Comunicação: já cheguei a colocar uma (excelente) tira do Calvin para ilustrar o que é Indústria Cultural, e uma

outra para mostrar a diferença entre censura e linha editorial, por exemplo.

Resgate - É possível identificar se há maior uso

“

Os professores da rede pública têm maior dificuldade para tornar o ensino atraente. Assim, o gibi não só atrai como, em geral, é uma ferramenta acessível para professor e aluno.

”

de HQs como recurso pedagógico em escolas públicas ou particulares?

DJ Carvalho - Pessoalmente, tenho notado que a

maioria dos professores que me diz utilizar quadrinhos está na rede pública, seja ela municipal ou estadual. Creio que isso ocorre porque os professores desta rede têm maior dificuldade para tornar o ensino atraente ao aluno, tanto pela pouca infra-estrutura da escola quanto pelo perfil do aluno menos abonado que o das escolas particulares. Assim, o gibi não só atrai como, por em geral não ser tão caro, é também uma ferramenta acessível para professor e aluno. No entanto, não é possível generalizar: já vi excelentes utilizações de HQ em escolas particulares, e inclusive gibis criados pelos próprios alunos apresentando a escola ou uma campanha escolar.

Resgate - Em seu livro *A Educação Está no Gibi*, o sr. se limita a fornecer dicas (ou receitas) de como usar as HQs em sala de aula ou também trabalha a produção das tiras pelos alunos? No aspecto pedagógico, em que momento se obtém melhores resultados:

trabalhando sobre HQs já publicados ou produzindo tiras em sala de aula?

DJ Carvalho - No livro trabalho ambas as coisas e outras mais. Na verdade, antes de poder trabalhar com HQs, é preciso que o professor conheça um pouco mais sobre o assunto, por isso início o livro diferenciando os tipos de artes gráficas (charge, caricatura, cartum, tiras e HQs). Depois contextualizo: falo da história dos quadrinhos no Brasil e no mundo, faço um relato de como se relacionaram os quadrinhos e a educação no Brasil através dos tempos. Só então apresento os elementos das HQs e falo um pouco sobre mangá, o quadrinho japonês que é a coqueluche nas escolas, mas ainda é mal visto por muitos professores. Depois vem um capítulo com diversas sugestões para a utilização nas diferentes disciplinas. Por fim, o último capítulo é em forma de oficina, isto é, eu dou dicas práticas sobre como fazer quadrinhos. Em termos de resultado, tanto trabalhar com quadrinhos quan-

to produzi-los se igualam, mas com certeza os alunos se entusiasmam mais em fazê-los. Justamente por isso dedico um capítulo a dar instruções simples que ajudam na confecção

“

Mostro que as charges, em especial, são consideradas não apenas jornalismo opinativo, como também elementos essenciais no estudo da história de um país.

”

de uma revistinha.

Resgate - Há de sua parte a preocupação em diferenciar, no livro, as artes

gráficas (charge, cartum, HQs, tiras e caricaturas). Esses recursos não podem ser trabalhados igualmente em sala de aula?

DJ Carvalho - Sim. Até mesmo alguns artistas confundem estas artes (boa parte não sabe diferenciar cartum de charge, por exemplo). Por isso logo no primeiro capítulo já faço esta diferenciação, exemplificando com muitas ilustrações: nas charges e caricaturas, o livro traz trabalhos dos premiados Dalcio e Bira, além de alguns de minha própria autoria. Há ainda tiras de Calvin, Mafalda, Radicci e vários outros. Todas as artes gráficas são, de certa forma, variações uma da outra. Assim, é claro que os professores também podem trabalhar com elas em sala de aula. As charges, em especial, são consideradas não apenas jornalismo opinativo como também elementos essenciais no estudo da história de um país. Assim, pode-se trabalhar com elas em história, geografia po-

lítica, estudos de cidadania, português, etc. Tiras nada mais são que histórias em quadrinhos mais curtas e também há vários exemplos de como utilizá-las no livro.

Resgate - De que maneira os quadrinhos podem melhorar o ensino e a relação professor/aluno?

DJ Carvalho - Para se ter uma idéia, a mesma pesquisa da CNTE que citei anteriormente diz que alunos de professores que lêem gibis têm melhor desempenho escolar. Ou seja, mesmo que os próprios estudantes não leiam, só o fato dos professores lerem já ajuda. Esse fato foi atribuído pela CNTE a uma suposta aproximação de linguagens entre alunos e professores, pois o mesmo fenômeno se repetiu com professores que assistiam filmes que os alunos gostam ou jogavam videogames, por exemplo. Se apenas com a leitura as HQs já aproximam professor e aluno, com a utilização esta relação fica ainda mais proveitosa. A melhora no ensino pode ser vista, em al-

guns casos, rapidamente, pois há uma mudança significativa na postura do aluno em relação às disciplinas. Ele se torna mais interessado, mais ativo, até porque as HQs forne-

“

O trabalho com HQ aproxima professor e aluno. O aluno se torna mais interessado, mais ativo. A produção de HQ em classe aumenta a auto-estima, pois o aluno torna-se autor.

”

cem aplicações práticas e divertidas a teorias, de forma que ele não havia visualizado antes. O processo de produzir HQs também melhora a auto-

estima do aluno, pois ele se vê na posição de contar as histórias como autor. A sensação de autoria, de um certo poder sobre os fatos, o ajuda a lidar com uma série de sentimentos que muitas vezes ele não conseguia exprimir.

Resgate - O sr. acaba de lançar, também, *Escola de Sacis*, um livro de ficção infantil sobre as lendas do folclore brasileiro que pode ser apreciado por leitores de todas as idades. Há quem o classifique como uma mistura de JK Rowling (*Harry Potter*), Terry Pratchett (*Disc World*) e Monteiro Lobato (*Sítio do Picapau Amarelo*). Fale um pouco sobre os propósitos desse trabalho?

DJ Carvalho - Convencer os jovens a ler um livro no mundo de hoje é tarefa das mais difíceis. A concorrência com Internet, TV e videogames torna-se cada dia mais acirrada. É por isso que livros como *Harry Potter*, por exemplo, tornam-se verdadeiros fenômenos de aceitação. Qual pai ou educador não fica feliz ao ver uma

criança encontrando o prazer da leitura? No entanto, a cada nova edição de livros de fantasia como *Potter*, *Crônicas de Nárnia*, *Disc World* e outros *bestsellers* que invadem o Brasil, a crítica por parte de professores e responsáveis é a mesma: se, por um lado, os jovens estão lendo, por outro, a realidade - e mesmo a fantasia exposta nas obras - é muito distante da brasileira. A criança do Brasil sabe hoje mais sobre magos e trsgos do que sobre sacis e boitatás. A idéia - e os propósitos - de *Escola de Sacis* surgiram justamente desta situação. Não que eu não goste dos livros de JK Rowling, Terry Pratchett e companhia. Pelo contrário, sou ávido leitor e admirador deles. Mas, a cada página lida, sempre pensava: nós temos um folclore tão rico, porque não temos histórias como estas explorando nossos mitos, monstros, lendas urbanas? E *Escola de Sacis* é justamente isso: uma aventura no estilo "mistério e magia", ambientada dentro de uma escola, mas com bom-humor e elementos da cultura brasilei-

ra. Aliás, não só da cultura: faço um pouco de sátira política, em especial nas notas de rodapé. Foi um livro bastante divertido para se escrever, até porque fiz muita pesquisa em

“

Por conta da influência de Harry Potter, a criança do Brasil sabe hoje mais sobre magos do que sacis e boitatás. Temos um folclore tão rico. Por que não explorá-lo melhor?

”

torno de lendas e mitos, descobrindo muita informação interessante sobre o folclore brasileiro. Em outros países, mitos e folclore são usados em livros

de fantasia, quadrinhos, videogames, jogos, programas de TV, miniaturas... enfim, a maioria dos países civilizados valoriza seu folclore e consegue torná-lo atraente para as crianças, jovens e adultos. Aqui, no Brasil, em geral só se fala de folclore em agosto, e em uma ou outra atividade escolar. Espero que o livro consiga fazer com que crianças e adultos valorizem e gostem mais do que temos, e desperte outras ações em torno de nossos mitos.

Resgate - Em sua dissertação de mestrado (*"A Morte do Herói..."*), o sr. busca razões que expliquem o desaparecimento de personagens e heróis de quadrinhos como Rê Bordosa e Super-Homem. A que resultados o sr. chegou?

DJ Carvalho - Para responder a esta pergunta, tive que primeiro propor uma classificação para os personagens, visto que eles são tipos diferentes, em histórias diferentes. Os três personagens citados foram utilizados como paradigmas para os tipos distintos de he-

rói que encontrei nas Histórias em Quadrinhos: os “cotidianos”, os super-heróis e os de fantasia fantástica. Na verdade, a resposta difere para cada um deles, mas, de maneira geral (e não se descartando os motivos comerciais), posso dizer que a mudança de valores da sociedade gerou conflito na narrativa dos personagens, e sua consequente morte. Vou explicar resumidamente. Todos os heróis representam valores de uma sociedade. Os cotidianos, como Rê Bordosa, somem quando a vida real na qual eles são baseados muda, estes valores mudam, e eles teriam que se adaptar a tais mudanças. No entanto, personagens funcionam justamente por ter características fortes definidas, que não podem ser alteradas sem que o personagem se descaracterize. Assim, no caso de Rê Bordosa, em tempos de AIDS, era literalmente mudar ou morrer. (O autor) Angeli não quis mudá-la e transformá-la em outra personagem, logo, a morte era certa. Já os Super-Heróis têm vida bem mais longa e são constantemente adap-

tados aos valores vigentes. Para se ter uma idéia, o Super-Homem já defendeu os ideais do *new deal* de Roosevelt (havia HQs em que ele lutava contra donos de minas que não res-

“

O leitor não acredita mais no herói, que está cada vez mais humano. Quando o Super-Homem morreu, por exemplo, ele vivia em um mundo cujo presidente era Bill Clinton.

”

peitavam direitos trabalhistas), o governo americano, o *american way of life*. Atualmente, atua nos EUA, mas se diz cidadão do mundo e procura

não se meter em política, ainda que em várias HQs critica abertamente as ideologias estadunidenses. Porém, não luta mais batalhas reais: briga contra monstros, seres de outros planetas e bandidos que até cometem crimes baseados no mundo real, mas são fictícios.

Resgate - A que o sr. atribui isso?

DJ Carvalho - Isso ocorre porque há ocasiões em que os roteiristas aproximam demais as histórias dos supers com a realidade, e isso os descaracteriza, eles se tornam inviáveis. O leitor não “acredita” mais no herói, ele fica cada vez mais humano e ineficiente. Quando o Super-Homem morreu, por exemplo, ele vivia em um mundo cujo presidente era Bill Clinton (o mesmo da vida real) e se machucava cada vez com mais frequência. Como acreditar que o herói existia no mundo real, se os problemas reais do mundo não eram resolvidos por ele? E qual é a graça de ler aventuras de alguém que se diz super, mas se machuca como quase qualquer lei-

tor? Mas, após a morte e ressurreição – que por sinal o aproximou ainda mais da figura mitológica de Jesus, na qual o herói é bastante decalcado –, o super voltou para um país presidido por Lex Luthor, com monstros atacando e super-vilões que ele tinha de deter. E com isso voltou a conquistar leitores. Ou seja, o super-herói só funciona em um contexto longe da realidade, onde ele pode viver uma vida cíclica, acordando hoje já tendo esquecido como salvou o mundo ontem, para poder fazer tudo de novo.

Resgate - Histórias em quadrinhos são instrumentos de diversão ou de reflexão?

DJ Carvalho - De diversão, de reflexão, de aprimoramento cultural, de expressão artística, de convencimento, de denúncia... Não quero ficar em cima do muro, mas a lista é longa. Na verdade, penso que HQs são um meio de comunicação bastante amplo, que pode ser utilizado das mais diversas formas, justamente porque possibilitam

colocar conteúdo profundo em um formato atraente, que muitas vezes parece ser incompatível com o tema. Mas não é. Veja, por exemplo, o trabalho do jornalista maltês-

“

HQs são instrumentos de diversão, de reflexão, de aprimoramento cultural, de convencimento, de denúncia. Não quero ficar em cima do muro, mas a lista é longa.

”

estadunidense Joe Sacco, que fez uma série de reportagens quadrinizadas sobre a Palestina, Saraievo e outras guerras e conflitos internacionais. É um

trabalho maravilhoso, que exige reflexão, mas que também diverte e atrai por contar a história com texto e desenhos. Já as historinhas da Mônica, em sua maioria, são mera diversão, mas muitos argumentos também despertam curiosidade e reflexão nas crianças (e nos adultos que também as lêem). Chegamos a um ponto que não se pode mais analisar uma HQ pelo simples fato de ela ser uma história em quadrinhos. Os requadros e a (meta) linguagem utilizada são apenas o recurso, o formato, o veículo. Dependendo de seu conteúdo, porém, ela pode ser – e geralmente é – muito mais do que um mero “gibizinho pra crianças” (com todo respeito a elas). Assim como acontece com o cinema, a TV ou a Internet, as histórias em quadrinhos são hoje um canal para os mais diversos tipos de conteúdo. Isso não quer dizer que devemos pensar que histórias em quadrinhos deixaram de ser divertidas. No entanto, seria um equívoco muito grande achar que são só isso.